

É fácil dizer mal dos dicionários. Sendo estes o resultado de centenas de opções relativas ao conteúdo e à forma de o representar, “dizer mal de um dicionário” pode até tornar-se um exercício intelectualmente pouco estimulante, para mais se as críticas não puderem ser devidamente justificadas. Além disso, bem mais difícil do que dizer mal de um dicionário é fazê-lo.

Assim, deter-me-ei num dos aspectos, a meu ver, mais inovadores do *Dicionário da Academia (DA)* no contexto da lexicografia portuguesa contemporânea: os exemplos de uso que ilustram as diferentes acepções das palavras, retirados de um significativo acervo de fontes documentais, constituído por dados autênticos, não apenas literários mas de diversos registos de língua, escritos e orais.

Para usar convenientemente qualquer palavra não basta conhecer a sua ortografia, o seu significado e um ou outro sinónimo, informação que encontramos nos actuais dicionários portugueses mais populares. O uso correcto de qualquer palavra implica o conhecimento de toda uma série de saberes implícitos, dos quais cabe destacar a categoria e subcategoria da palavra, as suas regências e combinatórias, dados sobre a sua adequação à situação de comunicação, assim como a pronúncia mais conforme à norma da língua (goste-se ou não, imprescindível ao seu funcionamento institucional). É por não apresentarem estes dados que outros dicionários disponíveis no mercado não respondem às necessidades de quem os usa como auxiliar de produção textual, jornalistas e tradutores, ou estudantes de português como língua estrangeira, entre outros. A este conjunto de conhecimentos chamarei, neste contexto, “gramática associada a uma palavra” (GAP).

A GAP pode ser representada, num dicionário, de forma explícita, por meio de etiquetas e explicações diversas, ou de forma implícita, através da apresentação de contextos de uso da palavra (frases mais ou menos completas ou meras combinatórias preferenciais). O recurso à representação explícita pressupõe do consulente o recurso a conteúdos gramaticais não necessariamente adquiridos, pelo que, as modernas lexicografias (pelo menos a europeia e a americana), têm optado sistematicamente pelo uso de exemplos autênticos como veículo de transmissão de GAP, à semelhança do *DA*.

Artigo de crítica ao *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, publicado com o título «Dicionário Moderno», na Revista do *Expresso*

7 de Julho de 2001, pp. 58-59 – versão entregue para publicação.

Se a isto aliarmos a apresentação de *Introdução* e de *Indicações para o uso do dicionário*, bem como a apresentação de transcrição fonética das entradas, temos certamente em *DA* um verdadeiro “dicionário moderno” no sentido mais nobre da expressão.

A presente edição do *DA* tem já, seguramente, o seu lugar reservado na história da lexicografia de língua portuguesa, não tanto por ter quebrado o “enguço da letra A”, mas, sobretudo, pelo facto de constituir um marco de modernidade na descrição desta língua. Logo, com todos os defeitos e erros que uma análise mais circunstanciada venha a revelar, todos quantos prezamos a língua portuguesa temos razões mais do que suficientes para estarmos satisfeitos. Oxalá o CD-ROM saia em breve!

Margarita Correia

Professora Auxiliar

Departamento de Linguística Geral e Românica da Faculdade de Letras de Lisboa

Especialista em Lexicologia e Lexicografia